

## Práxis solidária nas viagens e o enfrentamento dos problemas socioambientais

Rafael A. Fortunato<sup>1</sup>

Elza Neffa<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo incorpora a práxis solidária como a categoria de análise que é capaz de dar sustentação teórico-prática a ações estratégicas de enfrentamento da crise socioambiental contemporânea, primeiramente, no âmbito da atividade turística e, posteriormente, em outras atividades humanas. Neste artigo, refletimos sobre o conceito práxis solidária e sua tradução em momentos de viagens, com base na análise de quatro elementos: (a) interesse turístico, (b) encontro com atrativos e pessoas, (c) contextualização da experiência e (d) reflexão crítica. Adotamos a categoria práxis solidária no âmbito da investigação etnográfica realizada durante vinte e três dias de viagem por dois estados dos Estados Unidos da América - Nova York e Califórnia - com o objetivo de testar e validar essa metodologia. A categoria práxis solidária foi considerada adequada para a interpretação pretendida, por ela permitir uma maior compreensão das manifestações culturais do país visitado, uma reflexão crítica sobre as contradições visualizadas na realidade e uma busca de soluções para os problemas socioambientais.

**Palavras-Chave:** Práxis; Solidariedade; Turismo; Crítica.

### Abstract

This article incorporates the solidarity praxis as the category of analysis that is capable of providing theoretical and practical support to strategic actions to confront the contemporary socioenvironmental crisis, firstly in the sphere of tourism and, later, in other human activities. In this article, we reflect on the concept of solidarity praxis and its translation in moments of travel, based on the analysis of four elements: (a) tourist interest, (b) meeting with attractions and people, (c) contextualizing the experience and (d) critical reflection. We adopted the category praxis of solidarity in the context of ethnographic research conducted during twenty-three days of travel by two states of the United States - New York and California - in order to test and validate this methodology. The solidarity praxis category was considered adequate for the intended interpretation, as it allows a greater understanding of the cultural manifestations of the visited country, a critical reflection on the contradictions visualized in reality and a search for solutions to socioenvironmental problems.

<sup>1</sup> Coordenador do Programa de Doutorado em Meio Ambiente da UERJ e do Curso de Especialização em Desenvolvimento Territorial da UERJ. Vice-diretor do Instituto de Geografia da UERJ.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Doutorado em Meio Ambiente da UERJ.

Keywords: Praxis; Solidarity; Tourism; Criticism.

## 1. Introdução

Este artigo reflete sobre o turismo e sua capacidade de promover uma práxis solidária e de se tornar um instrumento de educação nas sociedades contemporâneas. Essa possibilidade emerge na medida que a atividade turística estimula a contextualização da realidade circundante, a abertura a novas experiências e a ampliação de conhecimentos sobre o próprio viajante, através da abstração e do estranhamento do que está fora do cotidiano.

O mundo contemporâneo, em constante transformação, a cada minuto produz informações novas que influenciam a construção da “realidade” e expõem os indivíduos a diversos estímulos. Em muitos casos, esses indivíduos não conseguem processar o volume exacerbado de informações produzidas em ritmo acelerado, o que provoca ansiedade diante da dificuldade de “ter que” processá-las, tendo em vista que, no sistema capitalista, seu armazenamento representa vantagem competitiva e a sua não realização, fracasso individual. Sem conseguir tempo e competência para responder às inúmeras cobranças exigidas pela sociedade, os seres humanos da contemporaneidade têm sido perpassados por um contínuo sentimento de culpa, impotência e angústias.

Vivemos em um período de crises, de oportunidades e perigos, tanto na sociedade, quanto na educação, fato que se reflete no consumo dos indivíduos, no lazer e no turismo. Crises já foram anunciadas por diversos autores, dentre os quais, Capra (1982)<sup>3</sup> destacando o que ele chama de “crise de percepção”, influenciado pelos problemas ambientais; Weber (1950)<sup>4</sup> tecendo reflexões sobre o desencantamento do mundo frente à burocratização provocada pelo sistema capitalista e Bauman (1998)<sup>5</sup> trabalhando com a categoria da liquidez e enfatizando as fragilidades dos laços sociais, mormente em seu livro “Mal estar na pós-modernidade”.

Um dos sinais da crise na sociedade contemporânea pode ser verificado pela dificuldade do sujeito fazer uma reflexão crítica sobre as condições socioambientais e

---

<sup>3</sup> CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1982.

<sup>4</sup> WEBER, M. **The protestant ethic and the spirit of capitalismo**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1950.

<sup>5</sup> BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

sobre suas próprias condições de vida, ao lidar com uma grande quantidade de informações e com as duras imposições da competitividade excessiva que, por vezes, leva-o a adoecer e alienar-se. A “autocobrança” para fazer parte de um grupo e ser cada vez mais “o melhor” torna-se um fardo a ser carregado. A sensação de fracasso é inerente aos “competidores” e, com base nesse sentimento, propaga-se a ideia de que não há lugar para todos. O imaginário social pautado em práticas de consumo e na competição dissemina uma racionalidade instrumental por trás das ações humanas na sociedade contemporânea (CASTORIADIS, 1987)<sup>6</sup>. Em alguns casos, o trabalhador chega ao ponto de não saber quem decide o seu destino na empresa onde trabalha.

Na visão de Sennett (2007)<sup>7</sup>, tais relações corroem o caráter dos indivíduos e provocam uma “atrofia” dos sujeitos que não conseguem desenvolver o seu potencial, visto que algumas atividades são extremamente simples e repetitivas e o trabalhador pode facilmente ser substituído por outro.

Como pressuposto dessa reflexão, trabalhamos com a ideia de que seguindo a lógica da competitividade excessiva, da acumulação da informação e dos bens materiais, propagada pela indústria cultural (ADORNO, 1991)<sup>8</sup>, produzimos relações sociais cada vez mais hostis, intolerantes e egoístas. Por outro lado, alguns autores como Mafessoli (2014)<sup>9</sup>, por exemplo, trabalham com propostas nas quais os sujeitos se reúnem por semelhanças e por desejos de diferenciação, na perspectiva dialética da unidade na diversidade, como ocorre nas “tribos urbanas”.

Em decorrência do uso excessivo de computadores e do *stress* no trabalho surgem novas doenças e, nas escolas dos Estados Unidos, por exemplo, a palavra “*loser*” (fracassado) continua sendo uma das ofensas mais graves aos cidadãos americanos que se orgulham do seu *modus vivendi*.

Tendo em vista o cenário de crise, buscamos elementos que caracterizam a cultura de dois estados americanos - Nova York e Califórnia, em pesquisa de campo, na

---

<sup>6</sup> CASTORIADIS, C. **Encruzilhadas do labirinto II** - Os domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>7</sup> SENNET, R. **A Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2007.

<sup>8</sup> ADORNO, T. W. **The Culture Industry**: selected essays on mass culture. London: Routledge, 1991.

<sup>9</sup> MAFESSOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo na sociedade de massas. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

perspectiva de contribuir para uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea, dado que a sociedade americana propaga um estilo de vida ideal a ser seguido por outras nações do mundo.

Trabalhamos com a hipótese de que as viagens turísticas podem ser pensadas como momentos propícios para tal reflexão, principalmente se esta incorpora a categoria práxis solidária, que funciona como uma espécie de contraponto à lógica da competição excessiva e da sensação de fracasso imposto pela sociedade contemporânea. Além disso, pensamos que as viagens estimulam posturas mais livres que facilitam o encontro do viajante com pessoas, paisagens e objetos, além de promoverem situações inesperadas que oportunizam conhecimentos sobre o próprio sujeito e a realidade circundante.

Sem a pretensão de esgotar a temática, realizamos uma análise exploratória objetivando, mais do que traçar uma visão panorâmica da cultura visitada, validar a metodologia que se traduz nos quatro elementos explicitados, a seguir:

- (a) interesse pela visitação;
- (b) encontro com pessoas e atrativos turísticos;
- (c) contextualização da experiência;
- (d) reflexão crítica.

Durante 23 (vinte e três) dias de viagem aos Estados Unidos da América do Norte adotamos a etnografia como método e fizemos uso de um diário de viagem, onde foram anotados os casos cotidianos. O estranhamento discutido pela antropologia foi essencial para as análises realizadas durante a viagem. Acreditamos que, ao descrever os fatos visualizados, abrimos espaço para uma reflexão crítica sobre a cultura visitada, sobre o próprio indivíduo que viaja e sobre a sociedade onde está inserido.

À luz da práxis solidária, entendemos a viagem como um momento de aprendizado social e como instrumento de auto-educação, na medida em que os elementos metodológicos, citados anteriormente, são levados em consideração.

A etnografia realizada nos Estados Unidos, por meio das descrições e das interpretações dos viajantes, favoreceu a reflexão crítica no momento em que a viagem abriu horizontes para questionamentos sobre a qualidade das relações sociais estabelecidas naquele país e permitiu que novas alternativas fossem vislumbradas no

campo do turismo, com vistas a incorporar a ideia de solidariedade e a enfrentar os entraves da sua manifestação.

## 2. Práxis solidária nas viagens

O ato de viajar não está separado do cotidiano dos indivíduos, mesmo que um dos principais desejos dos turistas seja o encontro com o diferente e com o inusitado. O cotidiano, portanto, influencia o comportamento do mercado turístico (URRY, 2001)<sup>10</sup>. A vida cotidiana se confunde com a viagem, antes, durante e depois da experiência.

Da mesma forma, a prática da pesquisa não se separa do cotidiano do pesquisador. Toda ação do indivíduo baseia-se em seus princípios morais e éticos, expressando-se, inclusive, nos momentos de lazer e de consumo. A ação é inseparável da abstração, afinal, o próprio ato de abstrair é também uma ação.

Nesse artigo, a práxis está sendo pensada como a junção entre teoria e ação, na perspectiva de evitar o dualismo que coloca a teoria de um lado e a prática dissociada dela, no outro lado. Pretendemos aproximar e defender que uma vida cotidiana solidária resulta na criação de um turista solidário. Segundo Mafessoli (2014, p. 25)<sup>11</sup>,

está na hora de observar que a lógica binária da separação que prevaleceu em todos os domínios não pode mais ser aplicada de maneira estrita. A alma e o corpo, o espírito e a matéria, o imaginário e a economia, a ideologia e a produção – a lista poderia ser muito longa – não se opõem de maneira radical. Na verdade, essas entidades, e as minúsculas situações concretas que elas representam, se conjugam para produzir uma vida cotidiana que, cada vez mais, escapa à taxinomia simplificadora à qual havíamos sido habituados por um certo positivismo reducionista.

Tais lógicas binárias são acentuadas, em muitos casos, devido a uma disputa política e a busca pelo poder, pois servem como parâmetros para (des)qualificar indivíduos. A divisão entre aqueles que fazem e os que pensam é uma das armadilhas paradigmáticas que mais atrapalha o desenvolvimento de novos campos de atuação. Ou muita prática e pouco teoria ou muita teoria e pouca prática. Essa é uma sentença

---

<sup>10</sup> URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001

<sup>11</sup> MAFESSOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massas**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.



frequentemente utilizada nesses jogos. Vale destacar um trecho do filósofo romano Sêneca (4 A.C – 65 D.C)<sup>12</sup> para percebermos que esta discussão não é nova:

Há três modos de vida. Cabe questionar qual o melhor: o que se consagra ao prazer, o que se consagra a contemplação ou aquele que se dedica à ação? Primeiramente, abandonando qualquer discussão e o implacável ódio que se declara aos que decidem trilhar caminhos diferentes dos nossos, vejamos se todas essas doutrinas, de diferentes denominações, não estariam levando a um mesmo caminho sob outro um ou outro aspecto. Mesmo o que preconiza a doutrina do prazer não abandona a contemplação, como o que só se dedica a contemplação também não está afastado do prazer, e o terceiro, embora dedicando a vida a atividades, não está livre da contemplação (2011, p. 29).

A fim de eliminar tais barreiras e equalizar tais distinções propõe-se uma práxis solidária nas viagens, ou seja, uma “teorização” que incorpore os valores da solidariedade no olhar do turista, pois os turistas são cidadãos que pensam e agem de acordo com a sua consciência histórica. Nesse sentido, Urry<sup>13</sup> afirma que:

não existe um único olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. Com isso quero dizer que não existe apenas uma visão universal verdadeira para todos os turistas, em todas as épocas. Na verdade, o olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, como formas não-turísticas de experiência e de consciência social (2001, p. 16).

Nessa perspectiva, o turista é, antes de tudo, um sujeito que, em viagem, expressa uma intencionalidade projetada nos valores e nas culturas construídos socialmente ao longo de sua vida. É importante destacar que não se trata de pensar uma forma cansativa ou angustiante de viagem, ao invés da diversão e do relaxamento, mas pensar na impossibilidade de um dualismo entre o cidadão e o turista, negando-se a ideia de que hoje sou cidadão e amanhã serei turista. O turista é um sujeito que participa de um mundo simbólico específico, desloca-se no espaço-tempo e, por meio do estranhamento perante o novo, abre espaços para novas reflexões sobre a realidade.

Inspirados na fenomenologia (HUSSERL, 2008)<sup>14</sup> e investidos da postura pautada no reconhecimento recíproco (HONNETH, 2003)<sup>15</sup>, entre indivíduos que participam de encontros com pessoas ou objetos, em viagens, com maior ou menor grau

<sup>12</sup> SÊNECA. **Da tranquilidade da alma**. Porto Alegre, RS:L&PM, 2011.

<sup>13</sup> URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001

<sup>14</sup> HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

<sup>15</sup> HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: editora 34, 2003.

de intimidade (FORTUNATO & NEFFA, 2013)<sup>16</sup> entendemos práxis solidária como uma categoria que se imbrica a uma prática e, por isso, tem capacidade de contribuir para a transformação social.

É importante esclarecer que o termo solidariedade origina-se do vocábulo latino *solidum* e significa totalidade, soma total, segurança, e de *solidus*, cujo sentido refere-se à sólido, maciço, inteiro, completo, total.

Assim como pensam alguns teóricos críticos, como o educador Paulo Freire<sup>17</sup> que, apesar de não se utilizar dessa nomenclatura - práxis solidária - expressa a ideia de sujeitos históricos que vão vivendo, agindo, contextualizando, refletindo criticamente e mudando sua realidade, na mesma esteira interpretativa, Rosa Luxemburgo entende a práxis como um momento propício para a auto-educação (LOUREIRO, 2011)<sup>18</sup>.

A práxis solidária aplicada ao campo do turismo resulta em um trilhar sem caminhos pré-determinados, visto que os encontros são utilizados para obter informações sobre os próximos passos que ajudarão no tatear, no experimentar e no descobrir novos caminhos. Práxis solidária nas viagens é o ato de andar pelas localidades, encontrar pessoas e prezar pelo valor moral da solidariedade, até que em todas as nossas práticas, independente de ser trabalho, lazer ou turismo, a mesma se faça presente. Ao se expressar no campo do turismo, a práxis solidária permite um alargamento da percepção dos envolvidos nos encontros, o desenvolvimento de um senso crítico capaz de contribuir para transformações sociais e para a “humanização das viagens” (KRIPPENDORF, 1989)<sup>19</sup>.

O desenvolvimento proporcionado pelo estranhamento nos momentos das viagens, combinados com a práxis solidária, cria um ambiente propício para auto-reflexão e o convívio com outras culturas permite a relativização de pontos de vistas.

---

<sup>16</sup> FORTUNATO & NEFFA. Encontros no campo do turismo solidário do Vale do Jequitinhonha, MG. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 6, n.1, p. 104-123, janeiro de 2013.

<sup>17</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 29. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

<sup>18</sup> LOUREIRO, I (Org.). *Rosa Luxemburgo: Textos escolhidos*, vol. I, p. 1-88, São Paulo, Editora Unesp, 2011.

<sup>19</sup> KRIPPENDORF, J. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

Essa forma de pensar é discutida por Roberto Da Matta<sup>20</sup> no campo da antropologia social, quando diz que:

a antropologia social redescobrirá a tolerância, a humildade, a esperança e a generosidade de um viver em escala planetária, mantendo o essencial equilíbrio entre o universal e o específico, o cósmico e o local, o sentido do planeta e a identidade comunitária. Dialética, sem a qual a sociedade não pode escavar sua mensagem e sua contribuição singular à totalidade da espécie humana. Por que se a antropologia social tem algo a ensinar, esse algo é precisamente isso: que o home, afinal, pode aprender e mais que o intelecto e a ordenação do mundo é a grande arma de todos os homens em todos os tempos. Ora, se tais instrumentos têm sido usados para a opressão, serão eles mesmos que obrigarão a criar uma nova ordem onde os valores falados acima: humildade, renúncia, generosidade e tolerância deixarão de ser ideais impostos pela moralidade. Eles passarão a ser uma necessidade absoluta, instrumentos que são de uma convivência universal aberta e informada pela prática antropológica em todos os seus níveis. Em outras palavras, o próprio intelecto nos fará enxergar nossa humanidade no outro; e o outro dentro de nós mesmos (1981, p. 14).

Pensadores como Wulf (2003)<sup>21</sup> também enfatizam que, no encontro com o outro, criamos uma oportunidade para reflexão sobre nós mesmos. Sobre essa questão, Wulf diz que “a imagem de si próprio se forma e se transforma através da vida com os outros e o seu reconhecimento” (Wulf, 2003, p.210).

A par disso, procuramos aproximar as experiências de viagens, permeadas pela práxis solidária, da antropologia e da educação intercultural. Apostamos no turista com um olhar mais cuidadoso, contextualizado, e que busca maior proximidade com as localidades visitadas, mesmo que reconheçamos o grau de idealização e subjetivação desse processo. Victor Turner e Edith Turner (1978)<sup>22</sup> viram experiências deste tipo como busca pela “*communitas*” que, segundo Steil (2003)<sup>23</sup>, expressam também a busca de uma comunhão com os moradores.

A postura solidária coloca os turistas em uma condição de aprendizes, o que nos remete ao campo da educação que, em seu propósito maior, procura meios para fortalecer e desenvolver as potencialidades dos indivíduos.

Trabalhamos com a ideia de que as viagens podem confrontar o problema da simples assimilação de conhecimentos em grandes quantidades, prática denunciada no

---

<sup>20</sup> DA MATTA, R. *Relativizando*: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

<sup>21</sup> WULF, C. O outro na perspectiva da educação intercultural. In: LOPES, C.M (org). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

<sup>22</sup> TURNER, V; TURNER, E. *Image and pilgrimage in Christian culture*. New York: Columbia University Press, 1978.

<sup>23</sup> STEIL, C. A. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. *Horizontes Antropológicos*, v. 9, n.20, p.249-261, out. 2003.



artigo como um dos principais aspectos da crise contemporânea, e propor a construção criativa do saber com base em uma reflexão crítica e contextualizada dos problemas socioambientais.

O antropólogo Brandão<sup>24</sup> nos instiga a pensar a comunidade em termos de “comunidades aprendentes” e abre caminhos para deixarmos de pensar a partir de lógicas dualistas de que aprendemos na escola e em casa para sobreviver e, no lazer e no turismo, para nos divertir e descansar.

Quase tudo que nós vivemos em nossas relações com outras pessoas ou mesmo como o nosso mundo, como no próprio contato direto com a natureza, pode ser, também, um momento de aprendizado. Podemos estar ou não consciente disto, mas cada troca de palavra, cada troca de gesto, cada reciprocidade de saberes e de serviços com uma outra pessoa, costuma ser também um momento de aprendizagem (BRANDÃO, 2005, p. 86).

Por meio deste olhar, construímos laços sociais mais fortes e uma base conceitual para refletir criticamente sobre as potencialidades das viagens e para criar um contraponto à lógica da racionalidade instrumental discutida pelos teóricos da escola de Frankfurt, por meio da reflexão na qual “as ordenações práticas da vida, que se apresentam como se favorecessem ao homem, concorrem, na economia do lucro para atrofiar o que é humano” (ADORNO, 1993, p. 34)<sup>25</sup>. Tais racionalidades são propagadas por meio da indústria cultural e da conseqüente instituição de um imaginário social sobre os caminhos que devem seguir a sociedade contemporânea. Para Castoriadis (1987, p. 144)<sup>26</sup>, o imaginário social estaria assentado na ideia de que

[...] o crescimento ilimitado de produção e as forças produtivas são, de fato, objetivo central da vida humana [...] A ela correspondem novas atitudes, valores e normas, uma nova definição social da realidade e do ser, daquilo que conta e daquilo que não conta. Uma palavra: de agora em diante o que conta é o que pode ser contado

---

<sup>24</sup> BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, L.A (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

<sup>25</sup> ADORNO, T. W. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

<sup>26</sup> CASTORIADIS, C. *Encruzilhadas do labirinto II - Os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Parte-se do pressuposto que tais tipos de racionalidades transformam os indivíduos em números, enfraquecem os laços sociais e, na perspectiva de Bauman<sup>27</sup>, tornam as relações fluidas e líquidas. Bauman é um dos principais críticos da sociedade contemporânea e, em seu livro a “Sociedade individualizada”, traça um panorama crítico da mesma ao dizer que,

se ficam doentes, é porque não foram resolutos e engenhosos o bastante ao seguirem o regime de saúde. Se ficam desempregados, é porque falharam ao aprender as habilidades para se saírem bem em uma entrevista, por que não tentaram com afínco ou porque estão, pura e simplesmente, envergonhados de trabalhar. Se não estão seguros a respeito de suas carreiras futuras se angustiam quanto ao futuro, é porque não são bons o suficiente em fazer amigos e influenciar pessoas, e porque falharam em aprender como deveriam as artes da auto-expressão e de impressionar os outros. É isso que lhes é dito, e o que eles chegaram a acreditar, de modo que se comportam "como se" essa fosse de fato a verdade sobre a questão. Como Beck coloca de maneira perspicaz e pungente, " a forma como se vive se torna uma solução biográfica para as contradições sistêmicas". Os riscos e as contradições continuam sendo produzidos socialmente; são apenas o dever e a necessidade de lidar com eles que estão sendo individualizados" (BAUMAN, 2008, p.65)

Essa reflexão é muito significativa e nos convida a fazer uma análise de como as sociedades tidas como símbolos de sucesso para muitas outras nações, apesar dos avanços, ainda enfrentam sérios desafios. A fórmula do sucesso, portanto, não é conhecida, mas sabemos que é preciso estimular o processo de reflexão crítica nos mais diversos campos do saber, assim como, no campo do turismo, para que possamos perceber os problemas com foco nas “contradições sistêmicas” e sinalizarmos para novas formas de ser, estar e sentir nas sociedades contemporâneas.

### 3. Do norte ao sul dos Estados Unidos da América

Esta análise se inicia na estadia em São Francisco, onde visitamos a ponte denominada “Golden Gate”. Depois da visita, ao investigarmos sobre a história da sua construção, deparamo-nos com a informação de que é um ponto turístico muito escolhido para a prática de suicídios, tendo sido registrados mais de 1.500 casos desde sua construção, em 1937. O local é o segundo com o maior número de suicídios no mundo.

---

<sup>27</sup> BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

Um impulso primeiramente turístico, o de conhecer a Golden Gate, uma das pontes mais famosas do mundo que, ao ser contextualizado, criou um momento de reflexão crítica com foco na seguinte questão: por que as pessoas cometem suicídios?

Com base nos elementos apresentados na introdução: (a) Interesse pela visita (b) Encontro com pessoas e atrativos turísticos (c) contextualização da experiência (d) reflexão crítica, intentamos analisar o cenário que se desenhou na visita à famosa ponte americana - palco de inúmeros casos de suicídio.

Na perspectiva de Durkheim, o suicídio, apesar de ser uma ação individual é, também, um fato social, pois “hoje se considera incontestável que a maioria das nossas ideias e tendências não são elaboradas por nós, mas nos vem de fora” (DURKHEIM, 2007, p. 03)<sup>28</sup>.

Qual sociedade produz tantos suicidas? Constatamos certa aproximação das propostas de análise de Durkheim sobre o fato social aos estudos sobre o imaginário social e a indústria cultural. Tentar compreender, portanto, esta sociedade, sua cultura, seu imaginário social, é também uma forma de lançar luzes sobre os problemas que afetam a sociedade contemporânea.

Em Nova York, conseguimos vivenciar mais de perto a cultura americana. Foram sete dias na cidade e a primeira sensação foi a de frio intenso com -11 graus Celsius em uma sexta-feira de fevereiro.

A hospedagem, realizada em casa de parentes, oportunizou informações sobre o que fazer de interessante na cidade, sendo nosso primeiro passeio uma visita ao World Trade Center e a uma loja de roupas para adquirir trajes adequados ao enfrentamento a temperaturas tão baixas. Nessa loja, ocorreu a primeira impressão do que significa o consumo para os americanos e para alguns visitantes brasileiros, dentre outros. Nela, encontramos um grupo de jovens que se mostravam excitados com os preços das roupas de “marcas famosas” e compravam grandes quantidades dos produtos, embalados por um som em alto volume que estimulava a excitação e a ansiedade diante das inúmeras opções consideradas boas oportunidades.

A música agitada incentivava o consumo, pois funcionava como uma espécie de mantra, cuja repetição da expressão “compre, pois você merece” demonstrava,

---

<sup>28</sup> DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

claramente, o condicionamento da atitude de adquirir produtos ao mérito e à satisfação pessoal. A satisfação pessoal por meio do consumo ocorre pelo fato de algum tipo de desejo estar sendo realizado. No entanto, depois desse desejo satisfeito, outros desejos surgirão imediatamente. Esse sentimento cíclico movimenta a atual indústria cultural. É como se existissem pessoas vivendo às margens da cultura predominante mas, mesmo assim, estando atentas às promoções, a fim de participarem do imaginário social vigente. A figura 1 ilustra esse pensamento com uma fila de jovens, no bairro do Brooklin, no momento de espera para participarem de uma promoção e satisfazerem seu desejo momentâneo.

**Figura 1.**Fila de jovens em loja com promoção no bairro do Brooklin/NY/EUA



**Fonte:** Fortunato, Brooklin, 2015.

As promoções estão por toda parte em Nova York, existindo, inclusive, a “promoção da promoção”, o que gera a sensação de que o indivíduo pode levar vantagem e entrar para o círculo do imaginário social vigente, contribuindo para a reprodução sociometabólica do capital, pois ele consegue eliminar as sobras e manter as classes sociais mais destituídas de bens materiais interessadas na indústria cultural.

Se alguns indivíduos não têm acesso a tais bens materiais de forma direta nas lojas de centros comerciais de luxo ou durante os “períodos da moda” de certos itens, podem ter acesso depois, nos chamados (*outlet*) ou nas “promoções da promoção” observadas em várias lojas da cidade de New York (Figura2).

**Figura 2.** Promoções nas lojas de Manhattan/NY/EUA

**Fonte:** Fortunato, Manhattan, 2015.

As promoções não se resumem ao consumo de vestuários, mas se presentificam, também, no mundo artístico e cultural quando as pessoas aguardam o anúncio de ingressos promocionais em filas diante do painel eletrônico na *Times Square* (Figura 3). Tais filas confirmam a suposição de que alguns indivíduos vivem do excedente do sistema de produção e que a socialização dessas "sobras" constituem estratégias de reprodução do mecanismo sociometabólico do capital que, por tabela, ainda exerce influência no imaginário social indicando a melhor forma de se viver por meio de manifestações artísticas e culturais.

Para Urry (2001, p. 201)<sup>29</sup> “os centros de compras representam uma pertença a uma comunidade de consumidores. Participar de uma “corte de bens e mercadorias” é afirmar a própria existência e ser reconhecido como um cidadão na sociedade contemporânea, isto é, como um consumidor”. Tendo em vista que nem todos conseguem entrar para o “rol” dos consumidores assim como desejam, preocupamo-nos com a saúde mental desse “destituídos da compra”.

**Figura 3.** Painel de preços promocionais para assistência a espetáculos da Broadway

<sup>29</sup> URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001





**Fonte:** Fortunato, Times Square, 2015.

A arte e a cultura, por sua vez, fazem o papel de minimização da realidade ou, como pressupõe Debord (1997)<sup>30</sup>, torna-se a própria realidade, absorvendo angústias, visto que leva o indivíduo a um mundo de representações. Para este autor, "toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção apresenta-se como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação" (1997, p.13). Tais representações fazem os indivíduos acreditarem que não há contradições no sistema e que essa é a forma como devem continuar vivendo, o que nos faz supor que talvez esse seja o motivo do sucesso dos parques temáticos norte-americanos. Ao mesmo tempo, o Museu Metropolitano expõe uma arte crítica para um outro tipo de público que o acessa. Tal suposição se confirma pela constatação da existência, em algumas lojas americanas, de caixas destinados a pessoas importantes, chamadas *VIPs* (*Very Important Persons*), cujo tratamento diferencial é usual nos Estados Unidos da América. No embarque dos voos aéreos, por exemplo, há rigor na distinção do grupo denominado primeira classe, o que confirma a cultura baseada na diferenciação de classes sociais. Além desses fatos, a visita ao Brooklin, a

<sup>30</sup> DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

menos de cinco minutos de Manhattan, com um cenário de sujeira, comércio informal, pedintes, predominantemente, negros, e a grande quantidade de estrangeiros e negros que trabalham em Nova York, em subempregos, demonstra a acentuada divisão social e racial, denunciada por Martin Luther King na sua luta pelos direitos civis. As recentes truculências nas abordagens policiais aos negros demonstram que o problema ainda não foi superado.

Por meio da constante diferenciação construímos sujeitos que, supostamente, precisam ser copiados, sendo essa a receita indústria cultural para criar sujeitos alienados, ávidos para seguir padrões de consumo. Por outro lado, verifica-se um fenômeno de homogeneização que pode ser observado na proliferação de algumas grandes marcas de cafeteria ou de roupas, por exemplo, presentes de forma muito representativa na vida dos indivíduos. Em outras palavras, poucas marcas dominam o mercado e criam certa fidelização dos clientes e, apesar da proposta de diferenciação, grande massa de pessoas consome coisas parecidas, torna-se cada vez mais iguais no seu estilo de consumo que, no imaginário social, são considerados símbolos de sucesso. São as novas tribos urbanas destacadas por Mafessoli (2014)<sup>31</sup>. Mais uma vez, a dialética e a proposta da eliminação dos dualismos se fazem presente pois, nesse caso, a diferenciação e a igualdade estão imbricados.

Outro elemento que parece estar presente na sociedade ocidental contemporânea é uma espécie de resgate de algo precioso que se encontra no passado e que está se perdendo na contemporaneidade. Essa percepção é comum em *Williamsburg*, bairro considerado *hipster*<sup>32</sup>, no Brooklin, New York, e no bairro de *Hayght*, berço do movimento hippie e da contracultura, no século XX, localizado na cidade de São Francisco, Califórnia. Na perspectiva de Mafessoli (2014), os dois movimentos podem ser considerados como “tribos urbanas” que se identificam na valorização de objetos ou de coisas antigas e parecem sinalizar que os caminhos da “pós-modernidade” não têm tanta poesia, dada a descartabilidade de tudo e a “mercantilização da vida”. A valorização do passado parece retardar o tempo. Dessas análises surge a hipótese de que

---

<sup>31</sup> MAFESSOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massas*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

<sup>32</sup> A palavra *Hipster* é utilizada para definir sujeitos criativos, que misturam o novo com o velho na forma de se vestir, utilizam materiais reciclados na decoração e etc. Mostram-se com um comportamento alternativo em relação a alguns dos padrões mais difundidos pelo imaginário social, não que os mesmos estejam livres de tal imaginário. Formam uma tribo urbana.

quando se vive uma busca de significado nas coisas antigas estamos receosos sobre como as coisas caminham na atualidade.

O sistema capitalista já entendeu isso e tem transformado a tradição em uma espécie de produto, daí o incentivo ao uso de camisetas “antigas” de times de futebol. No Brasil, por exemplo, esses produtos são caracterizados pelo termo “retro” e o seu uso vem acontecendo em um crescente. No bairro de *Haight*, em São Francisco, encontramos uma placa que oferece indícios, em conjunto com todas as outras impressões, sobre a força desse tema na contemporaneidade (Figura 4). Nesse mesmo bairro, é comum encontrar famosos discos de vinil e camisetas tingidas e, nas lojas onde são comercializadas, a vendedora faz questão de dizer que aquela loja “é muito antiga e tradicional no bairro”.

**Figura 4.** Vendas de roupas no bairro *Haight*, em São Francisco, EUA.



**Fonte:** Fortunato, São Francisco, 2015.

Tal busca pelo passado pode estar associada a alguns sintomas de estranheza do imaginário social. As farmácias norte americanas confirmam esse cenário. No interior de algumas delas observamos a venda indiscriminada de remédios para ficar acordado, com mais energia ou com mais sono. Tal fato fez-nos lembrar do comprimido chamado

“soma” explicitado por Aldous Huxley em seu livro “Admirável Mundo Novo”<sup>33</sup>, aliás, em São Francisco ficamos hospedado no “*Soma Place*”. A farmácia parece ser um local supervalorizado, talvez por comercializar a ideia de saúde e vender produtos “quase mágicos”, capazes de resolver todos as contradições da realidade.

Em muitos casos, os serviços americanos são feitos de forma rápida e impessoal. Durante o aluguel de um carro, por exemplo, os funcionários apenas entregaram as chaves e mostraram o carro, sem explicar nada sobre as peculiaridades do mesmo e do seu funcionamento. Os sistemas eletrônicos do carro, as máquinas para comprar as passagens de trem, o posto de combustível sem frentistas, o supermercado sem operadores de caixas, para quem não está habituado, tornam a visitação mais fria e impessoal. Lembra muito a consideração feita por Adorno (1993)<sup>34</sup> ao dizer que a racionalidade instrumental atrofia tudo o que é humano.

#### 4. Considerações finais: práxis solidária

Pensar no turista como um “antropólogo” e como um crítico social em potencial contribui para a humanização das viagens e das relações sociais. Tais caminhos serão facilitados se forem criadas rotas que estimulem o contato e o convívio com a população local e contextualizem a visitação do turista, tal como o proposto na metodologia apresentada e, testada nesse artigo. Dessa forma, o turismo se aproxima fortemente da ideia de educação que permite uma reflexão crítica sobre os cenários socioambientais contemporâneos.

Esta proposta pretende contra argumentar aos que veem a atividade turística somente como *locus* de “prazeres despreocupados”, como uma assimiladora de tensões, nos quais os cidadãos relaxam e descansam. Entretanto, na perspectiva da práxis solidária, essa distinção não faz sentido, pois esses prazeres podem ser combinados a uma percepção contextualizada e crítica do local visitado. A solidariedade não pode estar separada de todas as nossas posturas cotidianas, como se houvesse um tempo

---

<sup>33</sup> O livro “Admirável Mundo Novo” foi escrito por Aldous Huxley em 1932. Os personagens principais da história utilizam uma droga chamada “Soma” quando se sentem inseguros ou abalados emocionalmente. Nesse romance, a sociedade é dominada por poucos indivíduos que programam tudo para tentar controlar as ações dos sujeitos e fazem isso por meio de um (re) condicionamento para o exercício de funções sociais.

<sup>34</sup> ADORNO, T. W. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

específico para a vivência da mesma. Podemos dizer que a viagem foi significativa e que o elemento descanso e prazer também estiveram presentes.

Esta práxis é uma das responsáveis por contribuir para estabelecer um novo comportamento do turista durante a viagem, o que poderá tornar a atividade um caminho de reflexões e exemplos de como podemos criar uma relação de proximidade com o outro, uma forma de aprender com ele e de fazer as devidas críticas para melhoria das condições socioambientais contemporâneas.

Essa seria uma “viagem mais humanizada”.

Desse modo, propomos que a práxis solidária seja incentivada nas viagens para que possamos seguir o caminho da viagem humanizada, pensando na solidariedade para contribuir na superação dos problemas socioambientais, amenizando a competição excessiva e retirando o foco das coisas materiais.

Um caso de viagem ocorrido em *South Lake Tahoe*, na Califórnia, demonstra como esta aposta pode ser importante. Quando fomos a uma das lanchonetes da cidade, uma matéria jornalística sobre o dia dos namorados dos americanos (*Valentine Days*) chamou nossa atenção. Na matéria, a jornalista ressaltava uma boa opção para quem está solteiro nessa data - seria fazer uma viagem ao Brasil e encontrar alguém para passar um tempo juntos. A referência ao Brasil associada à sexualidade continua povoando o imaginário americano. Seria interessante se os americanos pudessem conhecer o Brasil com uma postura baseada na práxis solidária e, quem sabe, dessa forma, eliminassem as barreiras da alienação, que generalizam, pasteurizam e colocam obstáculos para o surgimento de novas formas de riquezas advindas dos encontros com o diverso que se concretiza na busca constante pelo elemento que reúne na diversidade e na dispersão.

Um dos momentos mais significativos da viagem, até porque a mesma se aproximava do seu término, ocorreu na entrega do carro alugado em que o responsável na loja pede para descer do carro, senta no banco do motorista, confere os marcadores de combustível, dá uma volta no carro, entrega uma nota comprovando o uso e o pagamento e nos libera. Tudo isso em menos de 30 segundos. Logo em seguida, pensei que preferia estar entre as Sequoias – árvores gigantes que havíamos visitado horas antes no Parque Nacional de Yosemite – que crescem e se desenvolvem em ritmo lento. É preciso um pouco de lentidão para entender a complexidade proposta pela práxis solidária, tanto em nossas viagens, como em nosso cotidiano. Dessa forma,



minimizamos o perigo de nos render a um imaginário social degradante e criamos oportunidades para potencializar a adoção de novas formas de ser e de estar no mundo contemporâneo.

